

VARIAÇÃO DE TIMBRE DAS VOGAIS MÉDIAS NO PERCURSO DIACRÔNICO DOS PRONOMES PORTUGUESES¹

Viviane Cunha²

Resumo: Procura-se analisar a variação/mudança diacrônica das vogais médias nos pronomes portugueses, desde a fase latina.

A fase moderna do português inicia-se no século XVI com as publicações da primeira gramática de Fernão d'Oliveira (1536) e algumas décadas depois, de *Os Lusíadas* (1572). A linguagem de Camões inaugura uma nova etapa da língua portuguesa, passando a ser um paradigma para a norma culta. O século XVI não é, entretanto, estável, do ponto de vista lingüístico: as duas variantes históricas – arcaica e moderna – coexistem. Formas arcaicas ainda circulam no século XVI e têm dois destinos: podem desaparecer no século XVII ou, por outro lado, se firmam na língua e passam a fazer parte da norma. Os pronomes portugueses também refletem essa oscilação, no que concerne às vogais médias, apresentando um quadro de alternância vocálica, de certa forma, complexo.

Procurarei, neste estudo, comparar as duas fases da língua portuguesa, centrando-me nos pronomes, tendo como objetivo mostrar as mudanças vocálicas ocorridas, sejam elas por efeito de metafonia ou de alçamento.

Os pronomes constituem a classe de palavras que mais conserva vestígios dos casos latinos, e, algumas vezes, do gênero neutro. Segundo Nunes (1975), contribuiu para isto o fato de haver nos pronomes maior distinção entre os casos. Por outro lado, os pronomes serviam também para evitar a confusão entre algumas pessoas dos verbos, que com a perda de algumas desinências vieram a confundir-se (cf. Nunes, *ibid.*).

Do ponto de vista da funcionalidade ou da economia comunicativa, afirmam os romanistas Jordan e Manoliu (1980), que os pronomes, ao fazerem alusão a elementos conhecidos pelos falantes, numa determinada mensagem, facilitam uma comunicação rápida, constituindo-se assim em elementos de

¹ Janeiro de 2002

² Professora de Filologia Românica do Depto. De Letras Românicas da FALE/UFMG

economia da linguagem. Daí o fato de aparecerem com muita freqüência, apesar de serem pouco numerosos, o que os faz aproximarem-se da fronteira dos morfemas gramaticais, conferindo-lhes uma notável estabilidade. É por isso que as línguas românicas conservam melhor as formas pronominais latinas do que as outras partes do discurso, segundo os autores.

Observe-se primeiramente os pronomes pessoais do português arcaico e moderno, no que concerne às formas tônicas, onde se pode constatar a metafonia por abaixamento e por levantamento da vogal tônica, sob a influência de [a] e de [u] átonos finais:

Português Arcaico	Português Moderno
ẽo	eu
ẽlle	ele
ẽlla	ela
nõs	nós
võs	vós

Diferentemente do que acontece com as palavras lexicais, em geral provenientes do caso acusativo latino, os pronomes portugueses se originam na sua maioria do nominativo. O pronome de 1ª pessoa **eu** provém de uma forma que possui *ě*, conseqüentemente, com timbre aberto no latim: *ěgo*. Com a queda da consoante oclusiva sonora latina, surgiu a forma hiatizada *ẽo*, que continuou com timbre aberto no português arcaico. De acordo com Williams (1975), esta forma pode ser encontrada nos primeiros Cancioneiros, e não rima com a 3ª pessoa do pretérito perfeito dos verbos fracos. Isto nos faz supor que o timbre de *e* teria se fechado no português moderno, por influência de **u**, que passou a ser pronunciado como semivogal formando assim um ditongo decrescente, para desfazer o hiato: [ew].

Os pronomes **ille e illa** não faziam parte do quadro dos **pronomes pessoais** no latim clássico, mas pertenciam ao quadro dos **pronomes demonstrativos**. No latim vulgar, ocorreu uma modificação da noção dêitica, e passaram à categoria de pronomes pessoais, para indicar uma 3ª pessoa, que estava fora do eixo falante-ouvinte. A forma portuguesa de masculino singular **ele**, como se pode observar acima, passou apenas pela mudança da vogal tônica *ĩ* > /e/, cujo timbre se manteve inalterado nas duas fases do português, já que o *e* final, que soa como [i] atualmente, não atua na metafonia. Todavia, a forma de feminino **ela**, passou pela evolução *ĩ* > /e/, cujo timbre se conservou na fase arcaica

da língua portuguesa, posteriormente sofrendo metáfora, no português moderno. Tudo leva a crer que até Camões, o timbre da vogal tônica em **ela** era fechado, tendo em vista que n'Os Lusíadas são comuns as rimas das formas preposicionadas **della** (de + **ella**), **nella** (em + **ella**) com **estrella**. (Lus., v. 14:2/4 e I,33:3/5 respectivamente).

As formas arcaicas de 1ª e 2ª pessoas do plural **nos** e **vos** tinham timbre fechado etimológico por causa de *ō* latino (**nōs** e **vōs**). Parece que assim continuou até a época de Camões, pois **vōs** (forma tônica) rima com **pos** (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo **por**) e também com **avōs**, onde a vogal tônica deveria ter timbre fechado, a deduzir-se pelo acento circunflexo (cf. Lus. IV, 17:2/4). A questão que se coloca é de como explicar a atual abertura do timbre? Os autores não fazem qualquer referência à mudança de **nōs** e **vōs** (latim) e **nós** e **vós** (português). Pode-se aventar, pelo menos, duas hipóteses: primeiramente, o fato de elas serem formas tônicas. A abertura da vogal média poderia ter ocorrido em consequência da colocação dos pronomes diante de um **a** átono subsequente, por um tipo de assimilação à distância, em razão da próclise, conforme nos exemplos *nós_a ti vamos pedir* e *vós_a eles ireis pedir*. Outra hipótese, mais provável, seria a atuação da analogia. A maioria das palavras monossílabas portuguesas, que possuem **o** tônico e terminam por sibilante surda ou sonora, possui timbre aberto, como se pode verificar em: *foz, çoz, mōs, noz, sōs, vōz, pōs* (preposição ou plural de **pó**), *nōs* (plural de **nó**).

As terceiras pessoas de plural **eles** e **elas** tiveram a mesma evolução que as formas de singular vistas acima, mas o plural é de formação vernácula, o que quer dizer que ambas se formaram do singular, acrescido do morfema **s**.

As formas átonas dos pronomes pessoais, como se sabe, vieram todas do acusativo latino e possuíam vogais fechadas, como se pode observar a seguir:

Latim	Português Arcaico	Português Moderno
mē	mē	me ['mi]
tē	tē	te ['ti]
sē	sē	se ['si]
nōs	nōs/nus	nos ['nus]
vōs	vōs/vus	vos ['vus]

No português arcaico as vogais médias dos pronomes átonos conservam o timbre latino nas pessoas do singular, e podem variar nas pessoas de plural.

No caso do plural, as duas formas – com **o** e com **u** – se alternam nos Cancioneiros galego-portugueses, o que sugere uma variação que está em vias de se tornar uma mudança. Se os pronomes eram grafados da maneira mostrada acima, pode-se concluir que assim deveriam ser pronunciados, tendo em vista que a ortografia da época arcaica era fonética. Ressalte-se que no português moderno – pelo menos no que se refere à variante brasileira – todas as formas sofreram um alçamento mudando o timbre de [e] para [i] e de [o] para [u].

Ainda no campo dos pronomes pessoais, vale observar os pronomes reflexivos, comparando os do latim vulgar com os do português arcaico e moderno:

Latim Vulgar	Português Arcaico	Português Moderno
mecu-	męgo/comeęgo, migo/comigo	comigo
tecu-	tęgo/conteęgo, tigo/contigo	contigo
secu-	sęgo/conseęgo, sigo/consigo	consigo
noscu-	nոsco/connոsco	conոsco
voscu-	vոsco(bոsco)/convոsco	convոsco

No latim, as formas átonas **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos**, seguidas da preposição **cum**, acabaram se transformando em tônicas, com a aglutinação desta última. No português arcaico, pode-se encontrar tanto as formas com e tônico, como as formas com i tônico, nas três pessoas do singular, o que quer dizer que o timbre etimológico da vogal e a forma metafonizada se alternavam naquele período da língua. Tal fato, pode ser indício de uma mudança em curso, no que se refere ao timbre vocálico dos pronomes reflexivos. Para Williams (1975), de onde extraí o quadro acima, as formas com i tônico despontaram muito cedo, talvez no latim vulgar. Williams cita como exemplo a forma **micu(m)**.

Pode-se observar acima que as três pessoas do singular sofreram metafonía na vogal tônica, por influência de [u] final. Houve uma alteração maior na qualidade da vogal metafonizada, tendo a vogal média anterior fechada [e], se transformado em vogal alta anterior [i], como nos exemplos męgo>migo, comigo; tęgo>tigo, contigo; sęgo>sigo, consigo. Ressalte-se que esta metafonía ocorreu mais cedo, ao contrário de outras formas pronominais vistas acima. As duas pessoas de plural **conոsco** e **convոsco**, apenas conservaram o timbre etimológico latino.

Quanto aos pronomes demonstrativos, podem ser constatadas algumas perdas e certas mudanças na qualidade da vogal tônica, da fase latina à fase portuguesa, onde se verifica o seguinte:

Latim	Português Arcaico	Português Moderno
iste (nom. masc.)	ęste	ęste
ista (nom. fem.)	ęsta	ęsta
istud (nom. neutro)	ęsto	-
istu-	-	isto
ipse (nom. masc.)	ęsse	ęsse
ipsa (nom. fem.)	ęssa	ęssa
ipsum (nom. neutro)	ęsso	-
ipsu-	-	isso

Num primeiro momento constata-se apenas a mudança de $\text{ĩ} > /e/$. Entre a época arcaica e a moderna, os pronomes femininos **esta** e **essa** não ficaram isentos do processo metafônico. Tal metafonia se deu por abaixamento da vogal média anterior tônica, por influência de $/a/$ átono final. As formas arcaicas do neutro **ęsto** e **ęsso**, além da mudança de $\text{ĩ} > /e/$, sofreram metafonia no português moderno, por influência de $/u/$ átono final, dando origem a **isto** e **isso**.

Os pronomes demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo** são evoluções das formas latinas ***accu-** (por **ecum** 'eis' do latim clássico) + **ille**, **illa**, **illud** respectivamente. A partícula **ecum** tinha como função, no latim, fortalecer os demonstrativos. Além da evolução sistemática de $\text{ĩ} > /e/$, como em ***accu-** + **ille** > **aquele/aquel** (arc.), ***accu-** + **illa** > **aquella** (arc.), ***accu-** + **illu-** > **aquello** (arc.), esses pronomes sofreram nova alteração no timbre da vogal tônica, na fase moderna do português. Em **aquela** ocorreu metafonia por abaixamento da vogal média anterior, que sofreu a influência de $/a/$ átono final. Quanto a **aquele**, o timbre permaneceu inalterado, entre o português arcaico e o moderno, porque o **e** final (provavelmente, só mais tarde pronunciado como [i]), não atua na metafonia. A forma do pronome neutro **aquilo**, já existia no português arcaico, ao lado de **aquelo**. Isto leva a crer que a metafonia teria ocorrido, como tendência, nessa fase em que as duas formas conviveram, vindo a predominar cada vez com maior frequência, até que a outra forma desaparecesse.

Aqui a vogal média anterior fechada passou a alta, por influência de $/u/$ átono final. Como se pode observar nas formas **isso**, **isto** e **aquilo**, não houve uma estabilidade da mudança $\text{ĩ} > /e/$, conservada em outras categorias, o que demonstra ser a classe dos pronomes, uma classe especial.

Os pronomes possessivos não apresentam uma mudança significativa da vogal tônica nas suas diferentes fases, como se pode verificar a seguir:

Latim Vulgar	Português Arcaico	Português Moderno
męu-	męo	męu
męa-	*mia <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; border-bottom: 1px solid black; width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> mha (forma átona mya (forma tônica) 	minha
*tęu- (por tūum)	tęo	tęu
*sęu- (por sūum)	sęo	sęu
nęstru-	nęstro	-
*nęssu-	nęsso	nęsso
vęstru- (por vestru)	vęstro	-
vęstra- (por vestra)	vęstra	-
*vęssu-	vęsso	vęsso

A forma masculina de 1ª pessoa do singular tinha **e** aberto no latim em consequência de **ę**. Tal timbre continuou aberto no português arcaico e com pronúncia hiatizada, já assim herdada. No português moderno o hiato se transformou em ditongo e a semivogal [w] grafada **u**, fez fechar o timbre de **e** tônico, da mesma forma que ocorreu com o pronome **eu**. Os pronomes de 2ª e 3ª pessoas do singular masculino **tūum** e **sūum** do latim clássico, foram substituídos por ***tęu-** e ***sęu-** ainda no latim vulgar, por analogia com a 1ª pessoa, e passaram pelo mesmo processo fonológico. A forma de feminino **męa** sofreu um fechamento maior no português arcaico, mudando a vogal média para uma mais alta: [i]. Havia, na língua arcaica, duas formas desse pronome: uma átona e uma tônica. O pronome tônico **mia** (pronunciado como hiato), era usado encliticamente; e o átono **mha** [‘mya] pronunciado como ditongo crescente, era empregado nos casos de próclise. Na língua moderna predominou a forma tônica, cuja evolução foi a seguinte: **mia** > **mĩa** > **minha**, onde o **i** assimilou o traço nasal da consoante com a qual estava em contato: o /m/. As formas pronominais modernas de 1ª e 2ª pessoas do plural **nęsso**, **nęssa**, **vęsso**, **vęssa**, não sofreram nenhuma alteração no timbre da vogal tônica, apenas mantiveram o timbre etimológico.

O pronome de tratamento **senhor**, origina-se de uma forma comparativa sintética latina, a qual tinha timbre aberto na vogal tônica: **seniore**. No português arcaico há um fechamento no timbre, e é usada uma forma única, que serve tanto para o masculino, como para o feminino. É comum os trovadores galego-portugueses se referirem à sua dona, ou à sua senhora, como **mha senhor**, **senhor fremęsa**. É provável que o fechamento da vogal média posterior tônica

tenha ocorrido por influência do *i*, que passou a ser pronunciado como semivogal de um ditongo crescente, interferindo desta forma no processo metafônico, através de uma assimilação regressiva. A partir do século XVI quando **senhor** passa a pronome de tratamento, é que surge o *a* final para identificar o feminino, o qual vai provocar outro tipo de metafonía. Em *Os Lusíadas* (II, 51:2/4) **senhora** rima com **vencedora** o que faz supor ser o seu timbre ainda fechado. No seu romance **Senhora**, de fins do século passado, José de Alencar faz uma interessante observação a respeito da pronúncia de **senhora**, num diálogo entre as duas personagens principais: Aurélia e Seixas. Segundo o autor a pronúncia “correta” seria **senhora**. Entendamos “correta” aqui, no sentido de “estar de acordo com a pronúncia lusitana”.

A observação importante que se pode fazer sobre as formas de tratamento **senhor/senhora**, é que tanto no masculino, como no feminino, ocorreu a metafonía: no primeiro caso, por contato com semivogal, provocando um levantamento na vogal tônica, isto é, [ɔ] do latim passou a [o] no português arcaico. Já no segundo caso, ocorreu a clássica metafonía por influência da vogal átona final da forma feminina, que sendo [a], provocou um abaixamento na vogal média tônica, fazendo mudar a qualidade dessa de [o] para [ɔ].

Consideremos, finalmente, as formas **todo** e **tudo**. O vocábulo **todo** varia em gênero e número no português, ao contrário da forma **tudo**, invariável naquelas duas categorias gramaticais. Ambas são provenientes da mesma forma latina **tōtu(m)**; ressalte-se, entretanto, que a forma variável, é proveniente do masculino e se flexiona em relação ao gênero e ao número: *todo, toda, todos, todas*. Nesse caso não houve variação de timbre da vogal tônica. Todas as formas portuguesas conservam o timbre etimológico latino, provenientes que são de **ō** tônico. Nem mesmo a forma de feminino terminada em *a*, sofreu processo de metafonía. Segundo Ali (1965), as formas variáveis fazem parte da língua portuguesa desde os tempos mais remotos. Já a forma invariável **tudo**, é mais recente, e segundo esse autor, é na literatura quinhentista que ela começa a ser registrada. Na sua gramática do português arcaico Sequeira (1943), afirma que Camões usa quase sempre a forma atual **tudo**, mas ainda se pode encontrar n’*Os Lusíadas* a forma **todo**, o que não deixa de ser um arcaísmo fonético. Como exemplo ele cita este verso:

“Já a ilha e **todo** o mais desamparando.” (*Lus.* I, 91)

No português arcaico a forma **todo** (masc.) era extensiva ao neutro, forma essa que durou até o século XV ou XVI, segundo Sequeira (*ibid.*). Para o surgimento de **tudo**, podem ser aventadas duas hipóteses, na opinião desse mesmo autor: a influência analógica de **muito**, por intermédio de **tuido**, forma que se houve nos falares do Douro; ou, o que é mais provável, a atuação da metafonía, por influência da vogal átona final, grafada *o*, porém pronunciada

como [u]. Observe-se que em **tudo** ocorreu não apenas a metafonía, mas também uma harmonização do ponto de vista do resultado: [ˈtudu]. A metafonía poderia ser explicada também por uma necessidade de ordem semântica: desfazer a homonímia entre as formas de masculino e de neutro.

Conclusão

Pode-se concluir que a questão do timbre na diacronia dos pronomes portugueses foi bastante cambiante: entre a fase arcaica e a moderna, houve uma mudança na qualidade das vogais, por efeito de metafonía, tendo como consequência um levantamento ou abaixamento da vogal tônica; ocorreu um alçamento nos pronomes átonos, cujas vogais médias, anteriores e posteriores, passaram a mais altas; alguns pronomes mantiveram o timbre das vogais médias, fechado até o século XVI, onde posteriormente ocorreu a metafonía por abaixamento das vogais médias: /o/ > /ɔ/ e /e/ > /ɛ/; alguns pronomes sofreram metafonía, também após o século XVI, por levantamento das vogais médias que passaram a mais altas: /o/ > /u/ e /e/ > /i/.

Referências Bibliográficas

- ALI, M. Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- IODAN, I. e MANOLIU, M. *Manual de Lingüística Románica* Madrid: Gredos, 1980 (2 volumes).
- NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1975.
- SEQUEIRA, F. J. M. *Aspectos do Português Arcaico*. Lisboa: Livraria Popular, 1943.
- WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.